

CRISE, IMPERIALISMO E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CORPO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O GERAL E O ESPECÍFICO NA PROPOSIÇÃO ESCOTEIRA DE ROBERT BADEN-POWELL (1857-1941)

CRISIS, IMPERIALISM AND HISTORY OF EDUCATION OF THE BODY AT THE BEGINNING OF THE TWENTIETH CENTURY: THE GENERAL AND THE SPECIFIC IN SCOUTING PROPOSITION OF ROBERT BADEN-POWELL (1857-1941)

CRISIS, EL IMPERIALISMO Y LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN DEL CUERPO EN EL INICIO DEL SIGLO XX: GENERALES Y ESPECIFICOS EN LA PROPUESTA ESCULTISTA DE ROBERT BADEN-POWELL (1857-1941)

Carlos Herold Júnior¹

Resumo: Este trabalho analisa a educação do corpo proposta pelo escotismo como um elemento pertencente à lógica imperialista do capitalismo no início do século XX. A partir de livros redigidos por Baden-Powell, elaboramos reflexões divididas em duas partes: na primeira, mostramos a importância da educação do corpo para os discursos pedagógicos que existiram nas primeiras décadas do século XX. Na segunda parte, investigamos o pensamento de Baden-Powell para mostrar que o escotismo, ao mesmo tempo, atingiu dois objetivos: 1) atuou sobre os limites educacionais especificamente ingleses e ligados à formação do cidadão capaz de sustentar o império britânico; 2) ao mesmo tempo em que ofereceu discursos e práticas formativas que valorizaram o corpo e sua educação.

Palavras-chave: escotismo; educação do corpo; imperialismo; história da educação.

Abstract: This paper analyzes the body education proposed by scouting as an element belonging to the imperialism logic of capitalism in the early twentieth century. Based on books written by Baden-Powell, we elaborated reflections divided into two parts: first, we show the importance of education of the body to the pedagogical discourses that existed in the early decades of the twentieth century. In the second part, we investigate the thought of Baden-Powell to show that at the same time, he achieved two objectives: 1) he acted on the limits educational specifically linked to British and training of citizens capable of sustaining the British Empire, 2) while he has offered discourses and training practices that gave value to the body and its education.

Key-words: scouting; body education; imperialism; history of education.

Resumen: Este trabajo analiza la educación corporal propuesta por escultismo como un elemento que pertenece a la lógica imperialista del capitalismo en el siglo XX. A través del análisis de los libros escritos por Baden-Powell, preparó este texto, dividido en dos partes: en primer lugar, se estudia la importancia de la educación en los discursos pedagógicos del cuerpo que existía en las primeras décadas del siglo XX. En la segunda parte, se investiga el pensamiento de Baden-Powell para demostrar que, al mismo tiempo, el escultismo logra dos objetivos: 1) actuar sobre los límites educativos específicamente vinculados a británicos y la formación de ciudadanos capaces de sostener el Imperio Británico, 2) mientras que ofrecía discursos y prácticas de formación que valoran el cuerpo y su educación.

Palabras-clave: escultismo; educación del cuerpo; imperialismo; historia de la educación.

Considerações iniciais

Nas análises sobre a educação a partir dos referenciais teóricos do marxismo, as mediações entre as transformações na organização dos diferentes modos de produção e as transformações especificamente educacionais configuram-se em uma questão central, teórica e tematicamente.

Do ponto de vista teórico, os esforços para utilizar as questões que subjazem à luta histórica entre classes sociais opostas no fornecimento de anteparos analíticos para entendermos o alcance de determinadas concepções, práticas e instituições educacionais, remontam a um duplo problema a ser evitado: a) ou analisar a educação a partir do “fator econômico”(KOSIK, 2011), vendo o mundo educacional sob as lentes do que se chamou de “materialismo vulgar”; ou b) no extremo oposto, desconsiderar as dimensões políticas e econômicas que se dão nos momentos mais diretamente envolvidos na produção material da existência de uma época.

Tematicamente, há as positivities que o marxismo pode trazer para se focalizar a história educacional. Mencionamos os trabalhos de Saviani (2007) e Alves (2005), por procurarem enxergar na educação o seu caráter produzido e produtor das diferentes organizações econômicas na história. Representativos desse encaminhamento produzidos fora do país, mas de grande circulação nos cursos de formação dos professores brasileiros, são os manuais redigidos por Aníbal Ponce (2010) e Mário A. Manacorda (2006). Escritos em momentos históricos diferentes e possuindo características que os particularizam, notamos alguns traços que os unem. O primeiro deles é a visão histórica de longa duração, em que se constata que teria sido a divisão social em classes sociais antagônicas a origem das instituições educacionais e sua utilização por parte das classes dominantes nos diferentes modos de produção da história. O segundo ponto comum que observamos existir nessas abordagens marxistas da história da educação, é a pouca ênfase que dão à discussão da história educacional na fase imperialista do capital. Nas duas obras em questão há observações sobre a relação entre imperialismo e educação, mas elas são poucas e rápidas, se considerarmos a atenção dada a outras questões. Em Ponce (2010, p. 164) lemos: “diríamos que, na base da nova técnica do trabalho escolar, está Ford e não Comênio. E é natural que seja assim: a Didactica Magna corresponde à época do capitalismo manufatureiro, ao passo que o Sistema Decroly e o Montessori correspondem à época do capitalismo imperialista”. Manacorda (2006) também estuda a “escola nova” como expressão da educação na fase imperialista do capital, mesmo que essa relação não seja afirmada explicitamente. Depois de especificar as características do escolanovismo, diz o historiador italiano que os “representantes destas tendências são os críticos mais radicais da escola e da educação tradicionais” (MANACORDA, 2006, p. 305).

Essas afirmações sinalizam a necessidade e a importância de focalizarmos, mais detidamente, um aspecto da educação que ocorreu na fase imperialista da sociedade inglesa no início do século e que, também, foi muito devedora dos questionamentos pedagógicos surgidos no seio do escolanovismo: o escotismo. Este trabalho objetiva mostrar no pensamento de seu fundador, Robert Baden-Powell (1857-1941), as relações entre imperialismo, as críticas educacionais à educação tradicional feitas pelo escotismo e a valorização das atividades corporais como meios formativos privilegiados para fazer desabrochar nas

crianças e jovens, ao mesmo tempo, o homem britânico responsável pela “defesa do império” e o homem valoroso e viril que salvaria a “sociedade” da crise gerada pelo “excesso de modernidade” que Baden-Powell via existir em muitas sociedades para além da sua. Visão essa corroborada pela expansão escoteira também em realidades cuja tal “modernidade” era apenas um projeto (ou uma promessa) possibilitado(a) pela chegada das pressões oriundas do imperialismo.

A partir de livros escritos por Robert Baden-Powell, desenvolvemos análises divididas em duas partes: primeiro, demonstramos que no final do século XIX e início do XX, a educação do corpo foi um dos elementos que compôs importante base do pensamento pedagógico daquele momento; depois, verificamos que no interior dessa valorização da educação do corpo que ocorreu de forma mundial tendo como um dos estimuladores a expansão imperialista inglesa, o escotismo foi criado e conheceu grande notoriedade por lidar com duas amplitudes de problemas: a) a amplitude geral, ao questionar limites formativos que possuíam consequências pedagógicas reconhecidas por todos os países que se inseriam (ou eram inseridos) na marcha imperialista; e b) a amplitude específica, lidando com a crise e as hesitações britânicas no que diz respeito à concretização da necessidade expansiva do capitalismo inglês.

A circulação mundial do capital e das ideias pedagógicas: a importância da educação corporal na vida do século XX

O desenvolvimento histórico da produção capitalista descrito por Marx (1994) foi utilizado por muitos estudiosos para balizar o desenvolvimento histórico das práticas educacionais que surgiram no processo de construção do capitalismo. Para cada configuração produtiva ou fase do capitalismo, teríamos uma organização educacional condizente, em um processo no qual a “a produção da sociedade é a produção da escola”. A fórmula, utilizada já por Ponce na década de 1930 e vista acima, é presente, também em Enguita (1989) e Alves (2005). Para eles, o mundo da produção “insinua-se” (ALVES, 2005, p. 52) na educação, “determinando” (ALVES, 2005, p. 68) características pedagógicas.

Em que pese à importância desse raciocínio, notamos em Rugiu (1998) uma análise evidenciadora de que os mundos da produção e o da educação, também relacionam-se “por contradição” (SAVIANI apud RUGIU, 1998 p. 5). No momento em que as práticas produtivas estavam altamente parcializadas e caminhando para fórmulas organizacionais fordistas e tayloristas, as práticas educacionais primavam pela “espontaneidade, pelo jogo...” (MANACORDA, 2006, p. 305), encetando um dos fundamentos do escolanovismo em suas variadas nuances que valorizaram o corpo, suas atividades e sua educação. Rugiu (1998, p. 13) expressa isso ao afirmar: “é exatamente a indústria o “bicho-papão” que motiva intrépidos profetas de uma educação nova, novíssima, a fazerem uma exceção para recuperar do passado o modelo artesanal, não obstante aparecesse já, sem dúvida, vencido”.

No interior de um mundo pautado pela produção mecânica e parcializada, o discurso educacional que ganhava alcance planetário era o discurso educacional escolanovista, divulgando uma educação prática, ativa, em que o conhecimento fosse construído pela manipulação corporal e inteligente dos alunos. Para este estudo, o importante é que na virada do século XIX para o século XX a

escolarização das atividades do corpo era uma baliza discursiva do mundo pedagógico que ganhava dimensões mundiais (HEROLD JÚNIOR; LEONEL, 2010). Nesse ponto, também, notamos que o “conteúdo pedagógico” era muito diferente do “mundo produtivo”, de forma que foi na sociedade que se organizava com uma produção levada a cabo pelo “gorila amestrado” de Taylor que os discursos relativos à educação física escolar ganharam força. Essa relação que se operava “por contradição” ao mundo produtivo, de alguma forma, foi percebida em uma das reflexões de Fernando de Azevedo, ao dizer que nas sociedades de seu tempo, o “cérebro precisa mais do músculo do que o próprio braço incumbido de um grande esforço” (AZEVEDO, 1915, p. 34). Se a produção prescindia das capacidades corporais, da inteligência e dos valores necessários para se viver em uma sociedade pautada por relações sociais classistamente opostas, não. Reside na mundialização desse discurso pedagógico um índice de grande valor para se pensar a educação em tempos de imperialismo e uma característica, ao mesmo tempo, estimuladora e ampliada pela criação e expansão do escotismo.

A mundialização do escotismo: fazendo frente à crise moral de impérios e colônias

Criado em 1907 na Inglaterra, o escotismo começou sua trajetória agregando adeptos pelo mundo a partir de 1908, depois da publicação de *Scouting for Boys*. Macdonald (1993) mostra que na Inglaterra já em 1909 o movimento contava com 60.000 escoteiros. No Brasil, o escotismo chega em 1910, não sendo diferente a velocidade com que ele chegou a outros países latino-americanos: Chile – 1909; Peru – 1911; Argentina -1912; Venezuela e Colômbia – 1913; Bolívia – 1915; Equador – 1920. Apenas no Uruguai a implantação oficial do movimento tardou um pouco mais: 1946 (SCOUTS, 2012).

Defendemos que há dois fatores que justificam a aceitação que teve o escotismo em vários países de todos os continentes do mundo, mesmo que eles fossem cultural, política e socialmente muito diferentes entre si.

O GERAL: A educação corporal escoteira como expressão de toda uma época

Esse sucesso foi devedor da habilidade de Baden-Powell em divulgar suas ideias. Rosenthal (1986) reconhece que Baden-Powell “sabia como revestir princípios abstratos com exemplos cativantes”(p. 125). Além disso, Baden-Powell criou uma ampla e organizada estrutura de divulgação do movimento (JEAL, 2001) que, ladeada com sua capacidade de redação e de aproveitamento de circunstâncias públicas, foram base do amplo alcance do movimento nos anos imediatamente seguintes à sua criação.

Ao lermos as obras de Baden-Powell (1908; 1922; 1927; 1929; 1939) notamos que ele fazia severas críticas à educação então existente na Inglaterra, críticas essas que estavam sendo feitas não somente na Europa, mas em muitas outras realidades. O teor dessas críticas dava conta de um artificialismo e intelectualismo das práticas escolares. Com esses traços, avaliava Baden-Powell, a educação não conseguiria formar o caráter de modo a fomentar valores como patriotismo, respeito à família e senso de obrigação para com o Estado. Para isso, ele clamava uma mudança estrutural nas estruturas

pedagógicas, afinal: “O professor não pode esperar, no tempo disponível, fazer mais que mostrar às crianças os elementos e inculcar-lhes o desejo e o método de aprender por eles mesmos” (BADEN-POWELL, 1929, p. 7).

Mesmo não sendo um pedagogo de formação, ao pensar a educação Baden-Powell apresentava ideias que o aproximava das bandeiras escolanovistas que, diz Manacorda (2006), clamavam pelo jogo e por um aprendizado de valores por meio de atividades corporais. Para isso, igualmente relevante foi a defesa da necessidade de bem cultivar a saúde e o vigor do corpo. Para ele, um sinal da importância de uma reforma educacional era a situação de debilidade, fraqueza e falta de coragem decorrentes da falta de saúde, ampliadas pelos confortos trazidos pela “vida civilizada” das grandes cidades. Era com esses fundamentos que ele justificava o escotismo, afirmando:

No treinamento escoteiro nós estamos trabalhando para preencher algumas dessas lacunas. As principais que achamos abertas são: 1) Caráter – ou seja, virilidade, senso de honra, um postura equilibrada e tolerante. 2) Saúde física e cuidado com o corpo por meio da temperança e castidade. 3) Trabalhos manuais e cooperação da mão com o cérebro. 3) Trabalho para os outros e para a comunidade² (BADEN-POWELL, 1929, p. 8).

As ideias Baden-Powell encontraram eco em muitas realidades, mesmo aquelas situadas longe dos grandes centros. Elas vivenciaram em seu cotidiano a presença dos grupos escoteiros. Se esse apelo educacional foi aceito em boa parte do mundo, há outro aspecto do escotismo mais circunscrito ao contexto inglês, relacionado à educação corporal proposta pelo movimento escoteiro com vistas às ambições imperialistas da Inglaterra.

O ESPECÍFICO - A educação corporal no escotismo como expressão de um espaço em crise: A Inglaterra e as dúvidas sobre as possibilidades de seu império.

Se de um lado as ideias e as práticas formativas propostas por Baden-Powell foram capazes de reunir adeptos ao redor de todo mundo, é interessante observar que a proposição escoteira nasceu, justificou-se e se desenvolveu tendo por base sua inserção no contexto especificamente inglês no início do século XX.

Uma questão que fazia os britânicos pensarem em sua sociedade era a capacidade de manter o império conquistado, belicamente, nas décadas anteriores. Baden-Powell, como ex-general de guerras imperialistas britânicas, manifesta essa preocupação. Por isso, endossa o valor do escotismo para formar os ingleses capazes de sustentarem as antigas conquistas. Entretanto, as condições para isso eram avaliadas como inexistentes, considerada a fragilidade corporal da juventude:

No começo da Guerra Europeia de 1914, dois milhões de nossos homens alistaram-se voluntariamente. Seis milhões não o fizeram. Um milhão foi incapaz de fazê-lo, devido a defeitos físicos originados por causas previsíveis. [...] Nosso objetivo no escotismo (e no bandeirantismo) é desenvolver ambos e ajudar a próxima geração a se tornar cidadãos eficientes e felizes (BADEN-POWELL, 1929, p. 13).

A avaliação sobre a situação moral não era animadora para um país imperial! Não é irrelevante que uma das causas para a decrepitude dos futuros guardiões do império era, justamente, os confortos proporcionados pela civilização que se queria defender. Baden-Powell expressa isso da seguinte maneira:

“Infelizmente, para o menino comum dos países civilizados, não há nada parecido. Nós precisamos muito de um tal treinamento para nossos rapazes se quisermos manter a virilidade de nossa raça ao invés de nos tornarmos uma nação de amolecidos, preguiçosos e fumadores de cigarro” (BADEN-POWELL, 1922, p. 10).

Um recurso discursivo constantemente utilizado pelo fundador do escotismo era mostrar a possibilidade de superar a condenável situação de sua realidade pela busca de exemplos no passado. Afinal, “A história do Império foi feita por exploradores e aventureiros britânicos, exploradores (scouts) da nação, desde centenas de anos até os tempos presentes” (BADEN-POWELL, 1908, p.13). As conquistas feitas pela Inglaterra nas décadas anteriores estavam, então, em risco. Se buscar exemplos no passado era uma condição para se mostrar que esse risco era contornável, essa busca também servia para mostrar que a derrota já rondara impérios que, um dia, foram vistos como eternos. A formação patriótica que era proposta pelo escotismo visava considerar essa difícil lição: “As pessoas dizem que não temos mais patriotismo hoje, e que por isso nosso império vai se despedaçar como ocorreu com o império romano, em razão de seus cidadãos terem se tornando egoístas e preguiçosos, importando-se, apenas, com sua própria satisfação” (BADEN-POWELL, 1908, p. 28). A decadência do império romano, desse modo, era utilizada como uma grande advertência sobre os riscos envolvidos na manutenção imperial britânica, impossibilitada por cidadãos deturpados por hábitos egoístas e obliteradores da força moral e física: “País primeiro, eu depois’, deveria ser o seu lema. [...] Não estejam satisfeitos, como estavam os romanos, em pagar outras pessoas para jogar futebol ou lutar suas batalhas por você. Faça algo você mesmo para ajudar a manter a bandeira tremulando” (BADEN-POWELL, 1908, p. 30). Baden-Powell insistia na utilização do exemplo romano como um grande estímulo da preocupação britânica com suas conquistas passadas e atuais fragilidades:

Lembre-se que o Império Romano, há dois mil anos atrás, era comparativamente tão grande quanto é o Império Britânico hoje. E embora tenha derrotado um bom número de ataques, finalmente rendeu-se, principalmente por causa dos jovens romanos que desistiram da luta e da sua virilidade; eles pagaram homens para jogar os jogos deles e para eles, de forma que podiam apenas assistir sem se esforçar, assim como fazemos hoje com o futebol. Eles pagaram soldados para lutar suas lutas, ao invés de aprenderem a usar as armas eles mesmos; eles não tiveram patriotismo ou amor pelo seu grande e velho país, e acabaram sendo derrotados quando uma nação mais forte os atacaram. Bem, devemos fazer com que o mesmo destino não se abata sobre nosso império. E isso dependerá muito de você, a nova geração de britânicos que agora está crescendo para serem os homens do império: não seja uma desgraça como foram os jovens romanos que perderam o Império de seus antepassados, sendo um fraco e preguiçoso sem qualquer patriotismo. (BADEN-POWELL, 1908, p. 314).

As quedas dos antigos impérios assombrava Baden-Powell e o levava a defender a necessidade de uma educação diferente da que existia para impedir que o mesmo ocorresse na Inglaterra:

A principal causa da queda de Roma é similar àquelas que levaram à queda de outros grandes impérios, tal qual o babilônico, o egípcio, o grego, o espanhol e o holandês, e essa causa pode ser resumida no declínio da boa cidadania e na queda do patriotismo. Cada nação, após laboriosamente chegar ao zênite de sua força, parece cansada pelo esforço e senta-se em um estado de repouso, ficando na inércia e cega para o fato de que outras nações estão gradativamente pressionando para destruí-la (BADEN-POWELL, 1908, p. 336).

Se de um lado a vida nos “países civilizados” era plena de confortos que comprometiam o brio de quem deveria estar pronto para defender seu país, Baden-Powell não propunha uma vida que dispensasse essa condição. O que ele queria era que se mantivesse o mesmo estado de alerta e prontidão que um soldado deveria manter em campo de batalha:

Do mesmo modo que se faz no escotismo, em países civilizados você observa pistas de homens, cavalos, bicicletas etc., e deduz o que está acontecendo; percebendo por meio de pequenos sinais, como um pássaro que passa a cantar de repente, que alguém está se aproximando, mesmo que ele não possa ser visto (BADEN-POWELL, 1908, p. 22).

A inserção do escotismo no contexto imperialista britânico era expressa no pensamento de Baden-Powell não somente como relação de dominação da Inglaterra em relação a suas colônias. Vemos a defesa da condição moral necessária para um país de ambições imperiais, levar ao mundo os trunfos civilizatórios que eram vistos como apanágios dos ingleses: “Muitos de vocês, escoteiros, conforme cresçam, provavelmente tornar-se-ão escoteiros de toda nação, e encontrarão o caminho das colônias para ajudá-las a se tornarem países prósperos” (BADEN-POWELL, 1908, p. 310). Todavia, não era essa a condição moral que saltava aos olhos de Baden-Powell quando ele escrutinava sua realidade. A debilidade física, a falta de patriotismo e o egoísmo exacerbado dos traços que Baden-Powell via existir na juventude, deveriam ser rechaçados por uma educação correta. Em jogo estava a força, a coragem e as vitórias das gerações anteriores: “Nenhuma dessas colônias vieram para a Inglaterra por elas mesmas. Nós as possuímos devido ao duro trabalho e à dura luta de nossos antepassados” (BADEN-POWELL, 1908, p. 311). Alguns anos à frente, ele manteve esse pensamento que valorizava as conquistas das gerações anteriores, utilizando-as como exemplos para os jovens preocuparem-se com o seu próprio fortalecimento:

Um lugar miserável seria a Inglaterra se a pusilanimidade tivesse sido nossa herança. Seria um desastre para nossa nação se nossos jovens de hoje perderem o espírito de aventura e a audácia, se eles se submetessem a conseguirem as coisas de mão-beijada e se tornassem mimados, querendo apenas desempenhar trabalhos amenos e sem qualquer risco (BADEN-POWELL, 1927, p. 42).

No bojo das defesas feitas a respeito da importância do escotismo, havia a presença de um forte espírito belicista e militarista. Mesmo que esse traço tenha gerado algumas dificuldades ao escotismo, nos momentos em que o escotismo ainda estava restrito ao solo inglês era essa a tonalidade das ideias de Baden-Powell dirigidas aos jovens: “A paz não pode ser certa a não ser quando nós mostramos que estamos sempre preparados para defender a Inglaterra e que o invasor perceba que ele estaria apenas dando cabeçadas em nossas baionetas e nas nossas certas balas se tentasse se aproximar de nosso território” (BADEN-POWELL, 1908, p. 313). Ou ainda: “O meio mais certo para manter a paz é estar preparado para a guerra. Não sejam covardes e não se satisfaçam ao pagarem soldados para lutarem e morrerem por vocês” (BADEN-POWELL, 1908, p. 313-314). Se as influências militares na expansão do escotismo pelo mundo geraram alguns constrangimentos ao movimento e a necessidade de mitigá-las, a instrumentalização do escotismo para fins explicitamente militares atinentes às urgências imperiais inglesas, é evidente. O que estava em disputa era a vitalidade militar britânica:

A marinha e o exército britânicos conquistaram nosso império para nós e se não fosse pela sua ajuda, o império já teria sido destruído por nossos inimigos há muito tempo.

Então devemos estar atentos para esses serviços sempre sejam bem supridos com bons homens que, como os escoteiros, estejam sempre alertas para darem a vida pelo seu país em qualquer tempo (BADEN-POWELL, 1908, p. 327-328).

A formação de jovens ingleses que fossem patriotas e que tivessem energia e coragem para defender seu país frente aos ataques inimigos (ou para atacar os inimigos em território alheio) enfrentava outro problema: a divisão da sociedade inglesa em classes. A exortação era para que as “diferenças” fossem superadas em nome de um só objetivo: a manutenção do império. Para isso, era fundamental que a juventude, independentemente do “estrato social” a que pertencesse, possuísse bases volitivas, corporais e intelectuais que permitissem “cerrar fileiras” apesar das “distâncias”:

Para isso, vocês devem começar, como meninos, a não pensar nos meninos de outras classes como inimigos. Lembrem-se que, rico ou pobre, de um castelo ou de uma favela, vocês são britânicos em primeiro lugar, e vocês devem sustentar a Inglaterra contra os inimigos de fora. Vocês têm que se manter ombro a ombro para essa defesa. Se vocês se dividem entre vocês mesmos, vocês estão prejudicando seu país. Vocês devem acabar com essas diferenças (BADEN-POWELL, 1908, p. 317).

Essa necessidade de se superar “diferenças desagregadoras” era vista como premente para se enfrentar perigos mais que iminentes aos ingleses. É possível notar em Baden-Powell que, apesar da força que ele via existir nos britânicos e que explicava o fato de seu país ser um império, no início do século XX essas antigas conquistas estavam muito ameaçadas pelas ambições de outros países e, sobretudo, pela falta de prontidão dos próprios ingleses em resistirem a essas ameaças. Por isso o tom urgente de suas exortações:

Bem, nós temos muitos inimigos poderosos em volta de nós na Europa, e que querem muito se apossar de nosso comércio e controlar nossas cidades industriais, além das vastas terras de nossas colônias. Se eles tirarem alguma de nossas colônias, será como tirar um dos tentáculos de uma lula. Todas as outras nações tentaram isso, como ocorreu na última Guerra que aconteceu na África do Sul. O único jeito de conseguir isso – e eles sabem isso – é golpear de repente o coração do império, ou seja, atacar a Inglaterra. Se eles tiverem sucesso, todo o império cairá, pois nenhuma parte dele poderá defender-se sem o apoio de sua terra natal. Por essa razão todo britânico que tiver firmeza nele deve estar alerta para defender seu país (BADEN-POWELL, 1908, p. 321).

Não é secundário verificar que o pensamento de Baden-Powell vai ganhando matizes mais nuançados no que tange à relação com as necessidades educacionais especificamente inglesas à medida que o escotismo vai sendo absorvido por outros países. Em 1922, por exemplo, lemos que: “O espírito militarista é explorado pela classe capitalista para manter seu baú cheio e abrindo novos mercados para eles” (BADEN-POWELL, 1922, p. 88). Passa a ser enfatizado, não mais a dimensão da conquista ou da vitória sobre o inimigo, mas sim o fato de o “impulso imperialista” dos ingleses possuir características humanas ou humanizantes: “No caso das colônias britânicas nós reparamos que nossa presença nas colônias tem perdurado, pois o controle britânico tem sido humano, e proporcionou mais paz e prosperidade para os nativos assim como para os colonos” (BADEN-POWELL, 1922, p. 88). A Inglaterra, conduzida pela energia de seus jovens e pelos exemplos dos conquistadores do passado, levaria o desenvolvimento econômico capitalista a lugares distantes: “Sob a proteção britânica muitos países tem se desenvolvido, a vastidão tem se tornado em terras úteis e novas nações tornam-se grandes, como a Austrália, Nova Zelândia e África do Sul” (BADEN-POWELL, 1922, p. 88).

Se a Inglaterra era responsável por espalhar as benesses da civilização, ao mesmo tempo Baden-Powell notava que a vida moderna das grandes cidades inglesas era a principal fonte da fragilidade moral e física dos britânicos. Mesmo sendo o alvo das conquistas, a vida cotidiana das colônias fornecia o exemplo de vida “selvagem” que nelas se levava, o que a colocava como um modelo de vida que deveria ser adotado pelos homens ingleses para que eles mantivessem e desenvolvessem a força física e moral para a perpetuação conquistas: “A maioria das tribos selvagens ocupam-se em treinar seus meninos para serem fortes e corajosos, pois a segurança e a prosperidade de sua nação dependem da dureza e coragem de seus homens, e não, como ocorre nos países civilizados, da perícia que se tem no trabalho de escritório” (BADEN-POWELL, 1939, p. 67). Esse reconhecimento era assumido como uma “modéstia educacional” por parte do “conquistador”. Afinal, afirma Baden-Powell: “A moral da estória é que um país, altamente civilizado com uma boa educação, ainda pode aprender algo de povos menos civilizados” (BADEN-POWELL, 1927, p. 96).

Por tudo isso, o escotismo era avaliado como uma prática educacional fundamental para prover a Inglaterra e suas colônias de pessoas capazes de fazer perdurar e ampliar os limites do império: “a grande necessidade é de britânicos bem formados como cidadãos, tanto para nossa pátria quanto para a nossa comunidade além-mar” (BADEN-POWELL, 1927, p. 22).

Considerações finais

O valor da proposição de Baden-Powell para o estudioso da história educacional reside no fato, ao mesmo tempo, ela ter nascido para atender necessidades especificamente inglesas atinentes à manutenção e à ampliação de sua posição imperial, do mesmo modo que ele teve aceitação mundial em todos os continentes. Mais interessante ainda, é observarmos que essa aceitação ocorreu mesmo em países que eram periféricos, secundários ou subordinados à lógica expansionista do capital que sustentava os “impérios”, ou especificamente, o “império britânico”.

A mediação entre as especificidades educacionais inglesas que encetaram o escotismo e as necessidades generalizadas da sociedade que permitiram sua rápida expansão mundial pode ser posta nos discursos que clamavam por uma “nova educação” na qual o jogo, a prática e o corpo teriam grande centralidade. Mesmo que lidando com problemas históricos diferentes, o discurso que depositava na educação corporal e/ou em uma educação mais corporal a possibilidade de uma educação mais efetiva e próxima aos problemas sociais enfrentados pelas sociedades no início do século XX foi um conteúdo eminentemente pedagógico que fez sentido tanto aos “impérios” quanto às “colônias”.

Nos discursos educacionais do escotismo elaborados por Baden-Powell, fica clara a defesa de uma pretensa superioridade da “civilização” levada às colônias, mesmo que fosse nelas encontrada o motivo mais fortemente pedagógico para o contorno dos limites educacionais existentes no interior do “mundo moderno”: a rusticidade de uma vida mais próxima à natureza e, por isso, largamente mais formativa do que a vida caótica dos grandes centros capitalistas. Caos, obliteração e enfraquecimento humanos que, no final das contas, podem ser vistos como características indeléveis de uma organização

social que assumiu a via imperialista por conta de sua própria crise. Essa tensão entre a prática social capitalista, a vida cotidiana que dela oriunda e visível nos grandes centros, com o discurso pedagógico típico do escotismo é muito reveladora de limites, possibilidades e complexidades que existem na conjugação do mundo educacional com as lutas mais amplas pela transformação/conservação das estruturas sociais.

Por conta do que foi acima analisado, inferimos que o escotismo e a educação do corpo são temas de grandes possibilidades analíticas para pensarmos a história educacional e sua relação com os processos de crise e de expansão imperialista do capitalismo na virada do século XIX ao Século XX.

Referências:

- ALVES, G. L. *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- AZEVEDO, F. de. *A poesia do corpo*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.
- BADEN-POWELL, R. *Scouting for boys*. London: H. Cox, 1908.
- _____. *Rovering to Success: a book of life-sport for young men*. London; H. Jenkins, 1922.
- _____. *Life's snags and how to meet them*. London: C. Arthur Pearson, 1927.
- _____. *Scouting and youth movements*. London: Ernest Benn Limited, 1929.
- _____. *Paddle your own canoe*. London: Furnell and Sons, 1939.
- ENGUITA, M. F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- HEROLD JÚNIOR, C.; LEONEL, Z. *A educação física e a criação dos sistemas nacionais de ensino: da prática social à prática escolar*. Maringá: Eduem, 2010.
- JEAL, T. *Baden-Powell: founder of the boy scouts*. New Haven: Yale University Press, 2001.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. 9.reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- MACDONALD, R. H. *Sons of the Empire: the Frontier and the Boy Scout Movement, 1890-1918*. Toronto: University of Toronto Press, 1993.
- MANACORDA, M. A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política – livro 1*. 14.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. v. 1.
- PONCE, A. *Educação e luta de classes*. Tradução José Severino de Camargo Pereira. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ROSENTHAL, M. *The character factory: Baden-Powell and the origins of the boy scout movement*. London: Collins, 1986.
- RUGIU, A. S. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- SCOUTS. *Some statistics*. Disponível em:
<http://scout.org/en/around_the_world/countries/national_scout_organisations/some_statistics>.
Acesso em: 03 jun. 2012.

Notas:

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Professor do Departamento de Pedagogia da UNICENTRO, Guarapuava-PR. E-mail: carlosherold@hotmail.com.

² Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas livremente.

Recebido em: 09/2012

Publicado em: 10/2013.